



A Empresa Gráfica Editorial Paulista (EGEPSA) e a reconfiguração da eugenia após 1945

Guilherme Prado Roitberg¹

RESUMO

O polímata inglês Sir Francis Galton (1822-1911) definiu a eugenia como a ciência que estuda os fatores que podem melhorar ou piorar as qualidades inatas das raças. No Brasil, ela teve seu auge como movimento social organizado no período entreguerras, com impactos significativos no campo da política, da educação e da saúde. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a repercussão negativa da *Rassenhygiene* nazista, a eugenia foi criticada internacionalmente e rechaçada como uma pseudociência. Contudo, apesar do reposicionamento nos debates sobre raça e genética após 1945, a eugenia não desapareceu. Isto posto, com base em uma pesquisa documental, fruto de um estágio pós-doutoral em andamento, este trabalho objetiva demonstrar a reconfiguração da eugenia na segunda metade do século XX. A partir dos jornais e livros publicados pela Empresa Gráfica Editorial Paulista S. A. (EGEPSA), analisa-se as estratégias utilizadas pelos defensores desse ideário na manutenção da campanha pela regeneração racial da população brasileira. Conclui-se que, em um contexto no qual os eugenistas não possuíam mais um periódico especializado, tampouco um movimento social organizado, os livros e jornais publicados pela editora limeirense constituíram meios estratégicos para a difusão da eugenia até o final da década de 1980.

Palavras-chave: Eugenia. Racismo Científico. Empresa Gráfica Editorial Paulista. Letras da Província. História das Ciências.

1 INTRODUÇÃO

A eugenia é a ciência que estuda as influências que podem melhorar ou piorar as qualidades inatas das raças (GALTON, 1909), conforme a definição do polímata inglês Sir Francis Galton (1822-1911). No Brasil, a eugenia teve seu ápice como movimento social organizado no período entreguerras e foi concebida a partir de diferentes perspectivas, das campanhas de higiene promovidas pelos médicos sanitaristas aos projetos radicais baseados no racismo científico (SOUZA, 2019). Essa vertente radical se consolidou ao final da década de 1920, com destaque para a atuação dos diretores do periódico *Boletim de Eugenia* (1929-1933) e membros da Comissão Central Brasileira de Eugenia (1931): o médico e

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com período sanduíche na University of Groningen (RUG, Países Baixos). Atua como pesquisador de pós-doutorado na Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e pedagogo no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG).



farmacêutico Renato Ferraz Kehl (1889-1974) e o professor e geneticista da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ-USP) Salvador de Toledo Piza Júnior (1898-1988). Apesar de suas divergências teóricas, os dois diretores defenderam medidas como a segregação racial, a proibição dos casamentos interraciais e a esterilização dos “degenerados” (KEHL, 1929; PIZA JÚNIOR, 1933a; 1933b).

Ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a repercussão das atrocidades da *Rassenhygiene* nazista, o Tribunal de Nuremberg (1945-1946) e as Declarações sobre Raça da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) contribuíram para a condenação pública da eugenia como uma pseudociência (WEGNER, 2025). Todavia, mesmo com o reposicionamento dos debates sobre raça, da reorientação das pesquisas genéticas e das tentativas de apagamento histórico, a eugenia não desapareceu. Por conseguinte, nos últimos anos, significativas pesquisas se debruçaram sobre a permanência da eugenia após 1945, com destaque para os trabalhos de Carvalho e Souza (2017), Souza, Wegner e Carvalho (2024), Faggion (2024) e Roitberg (2023; 2025). Entretanto, apesar dos avanços no debate sobre a continuidade da eugenia no Brasil, esse campo de estudos segue em aberto na historiografia.

Amparado por essa perspectiva, o presente trabalho, fruto de um estágio pós-doutoral em andamento, objetiva demonstrar a reconfiguração da eugenia após a Segunda Guerra Mundial. A partir de uma pesquisa documental baseada nos livros e jornais publicados pela Empresa Gráfica Editorial Paulista S. A. (EGEPSA), analisa-se as estratégias utilizadas por diferentes intelectuais na defesa desse ideário e na reformulação da campanha pela regeneração racial da população brasileira após 1945. Para tanto, serão escrutinados os livros *Aspectos íntimos do Japão* (1953) de Piza Júnior, *Filosofia e bio-perspectivismo* (1955) de Kehl, os artigos publicados no periódico *Letras da Província* (1948-1988) e os livros do diretor do jornal e presidente da EGEPSA, João de Sousa Ferraz (1903-1988): *Psicologia do Adolescente* (1965), *Psicologia e educação da adolescência* (1969) e *Psicologia Humana* (1988).

2 DESENVOLVIMENTO

Sediada em Limeira - SP, a Empresa Gráfica Editorial Paulista S. A. (EGEPSA) editou, publicou e distribuiu três livros assinados pelos ex-diretores do *Boletim de Eugenia*, a



dizer, *Aspectos Íntimos do Japão* (1953) e *Ciência e fé entrelaçadas* (1962) de Piza Júnior e *Filosofia e bio-perspectivismo* (1955) de Kehl. Em *Aspectos Íntimos do Japão*, Piza Júnior (1953) acompanhou as transformações no campo da genética e o reposicionamento do debate racial após 1945. O geneticista afirmou que não existiam “raças” humanas, uma vez que a humanidade era, desde o paleolítico, mestiça. No entanto, mesmo substituindo o termo “eugenia” pelo termo “seleção”, Piza Júnior (1953) explicitou a manutenção de sua concepção eugênica e do seu alinhamento ao racismo científico, reformulando a tese da “inferioridade mulata” que marcou seus textos da década de 1930. Conforme Piza Júnior (1953, p. 144):

É só pela seleção que se pode aproveitar das vantagens de um cruzamento. Fora disso, isto é, sem uma orientação inteligente, o cruzamento é desvantajoso, porquanto o cruzamento significa mistura e mistura tem sido sempre um fator de depreciação dos produtos. Se o mulato é um preto “embranquecido”, é também um branco “enegrecido”. Ele é menos preto que o preto e menos branco que o branco, e portanto é inferior ao preto sob o ponto de vista preto e ao branco sob o ponto de vista branco. Melhor seria uma população de dez pretos e dez brancos, do que uma constituída por vinte mulatos.

Assim como fizera Piza Júnior (1953), Kehl (1955) não mencionou o termo “eugenia” no livro *Filosofia e bio-perspectivismo*. Entretanto, conforme escrutinado por Faggion (2024), a obra é repleta de elementos eugênicos, em especial o determinismo biológico, a rigorosa hierarquização entre os seres humanos e sobretudo a aproximação entre o campo da Filosofia e o campo da Biologia no processo de regeneração física e intelectual da humanidade. Ressalta-se que essa mudança vocabular não significou que o “pai” da eugenia brasileira renunciou às teses eugênicas profusamente propaladas no período entreguerras. Contrariamente, os artigos publicados em jornais como o *Letras da Província* desvelaram que Kehl manteve-se fiel à campanha eugênica após 1945, reformulando suas teses e adaptando-se à nova conjuntura.

Ao longo de seus quarenta anos de existência, o periódico limeirense dirigido por João de Sousa Ferraz divulgou livros, fez homenagens ao movimento eugenista e publicou textos assinados por Kehl e Piza Júnior. Destacam-se o texto *Emotividade e Sexo*, no qual Kehl (1951) advogou em favor do determinismo biológico; *Assimilação dos japoneses no Brasil*, no qual Piza Júnior (1953b) anunciou seu livro recém-publicado pela EGEPSA, alicerçado na eugenia e no racismo científico; e *Cultura e Natalidade*, no qual Kehl (1956) lamentou o



desaparecimento das “grandes linhagens” e remodelou teses da eugenia “negativa”, como a restrição da natalidade dos “degenerados”. Conforme Kehl (1956, p. 7):

Com os métodos atuais de investigação, impossível calcular até que ponto caminhamos para a mediocrização definitiva, que Políbio já apontava na velha Grécia. Enquanto decresce a natalidade dos bem-dotados, de todas as classes, aumenta o número dos infra-tipos, dos marginais e dos que não conseguem se bastar ou se manter, senão à custa do devotamento filantrópico e da proteção do Estado. Não deixa de ser nocivo à espécie, casarem-se e se reproduzirem em maior escala, exatamente os que deviam casar-se mais tarde e restringir a progenitura. Quando atingirmos a um estado de plethora asfíxiadora, talvez insanável, então surgirão os apelos às medidas preservadoras. Não se diga, entretanto, que foi por falta de advertência!

Para além do médico limeirense e do professor da ESALQ, o *Letras da Província* divulgou livros e publicou textos sobre eugenia assinados por intelectuais estrangeiros e por outros prosélitos da eugenia radicados no interior paulista, até então incógnitos na historiografia. Pode-se mencionar o anúncio dos livros *História sexual da humanidade* do eugenista romeno Eugen Relgis (1895-1987) (HISTÓRIA SEXUAL, 1955) e *A colmeia humana no século XXII: considerações sobre limitação, anticoncepção e eugenia* (TUDO PELA, 1970) de Francelino de Souza Araújo “Piauí” (1926-1981), que atuou como jornalista, membro da Academia Campinense de Letras e colaborador do *Letras da Província*. Ressalta-se, ainda, o artigo *A difícil arte de envelhecer*, no qual o jornalista Nelson Omega (1903-1987) declarou: “Ficar velho, num mundo alanceado pelo vulto da mortalidade infantil que a tantos leva antes do termo da primeira idade, é uma vitória da eugenia e da raça” (OMEGNA, 1979, p. 1).

Finalmente, salienta-se que a participação do professor Ferraz na divulgação da eugenia após 1945 não foi somente indireta, por intermédio de publicações de terceiros em seu jornal e em sua editora. Contrariamente, a investigação documental desvelou elementos do racismo e da eugenia em três livros de sua autoria, a dizer, *Psicologia do Adolescente* (1965), *Psicologia e educação da adolescência* (1969) e *Psicologia humana* (1988), este último republicado postumamente em 1992. A análise dessas obras evidenciou que o presidente da EGEPSA propalou suas próprias teses sobre eugenia até o final da década de 1980, como a defesa da seleção genética dos seres humanos, o impedimento do nascimento de crianças “indesejáveis” (FERRAZ, 1965; 1969), a desigualdade intelectual entre as



“raças” e a equiparação dos “povos selvagens” a “macacos antropomorfos” (FERRAZ, 1992).

3 CONCLUSÃO

Esta pesquisa documental desvelou que a Empresa Gráfica Editorial Paulista S. A. (EGEPSA) desempenhou um papel significativo na difusão da eugenia após a Segunda Guerra Mundial. Presidida pelo professor João de Sousa Ferraz, a editora limeirense propalou artigos e divulgou livros de Kehl, Piza Júnior e outros eugenistas até a década de 1980 no periódico *Letras da Província* (1948-1988). Ademais, para além da reprodução de artigos sobre eugenia em seu jornal e da publicação de livros assinados por dois notórios membros do movimento eugenista brasileiro, quais sejam, *Aspectos íntimos do Japão* de Piza Júnior (1953) e *Filosofia e bio-perspectivismo* de Kehl (1955), Ferraz (1965; 1969; 1992) publicizou suas próprias teses eugenistas até o final dos anos 1980 em obras sobre Psicologia e Educação.

Finalmente, o escrutínio dos livros publicados pela EGEPSA e dos artigos propalados no *Letras da Província* explicitou que tanto os ex-diretores do *Boletim de Eugenia* quanto os demais prosélitos da eugenia que atuaram como colaboradores do jornal não ficaram alheios à reorientação das pesquisas genéticas e ao reposicionamento do debate racial após 1945. Contrariamente, em um contexto no qual as críticas à eugenia e ao racismo científico paulatinamente se consolidavam no meio intelectual, a reformulação vocabular e o estabelecimento de novos espaços de atuação constituíram um recuo estratégico que possibilitou a reestruturação e garantiu a longevidade da campanha pela regeneração racial da população brasileira até o final do século XX.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento parcial desta pesquisa pós-doutoral.



REFERÊNCIAS

- CARVALHO, L. D. de; SOUZA, V. S. de. Continuidades e rupturas na história da eugenia: uma análise a partir das publicações de Renato Kehl no Pós-Segunda Guerra Mundial. **Perspectiva**, v. 35, n. 3, p. 887-910, 2017.
- FAGGION, M. O. **A eugenia na obra de Renato Kehl após 1945 e sua relação com a psicologia e a educação no Brasil**. 2024. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2024.
- FERRAZ, J. de S. **Psicologia do Adolescente**. 2ª ed. Limeira: EGEPSA, 1965.
- FERRAZ, J. de S. **Psicologia e educação da adolescência**. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 1969.
- FERRAZ, J. de S. **Psicologia Humana**. 8ª ed. atual. Limeira: EGEPSA, 1992.
- GALTON, F. **Essay in eugenics**. London: The Eugenics Society, 1909.
- HISTÓRIA SEXUAL da humanidade. **Letras da Província**, Limeira, v. 8, n. 78, p. 6, jun. 1955.
- KEHL, R. F. Cultura e Natalidade. **Letras da Província**, Limeira, v. 8, n. 87-88, p. 7, mar.-abr. 1956.
- KEHL, R. F. Emotividade e Sexo. **Letras da Província**, Limeira, v. 3, n. 26, p. 1, fev. 1951.
- KEHL, R. F. **Filosofia e bio-perspectivismo**. Limeira: EGEPSA, 1955.
- KEHL, R. F. **Lições de Eugenia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1929.
- OMEGNA, N. A difícil arte de envelhecer. **Letras da Província**, Limeira, v. 31, n. 204, p. 1, abr. 1979.
- PIZA JÚNIOR, S. de T. A hereditariedade da cor da pele no casamento branco-preto (conclusão). **Boletim de Eugenia**, v. 5, n. 41, p. 05-12, 1933a.
- PIZA JÚNIOR, S. de T. Assimilação dos japoneses no Brasil. **Letras da Província**, Limeira, v. 5, n. 54-55, p. 5, jun.-jul. 1953b.
- PIZA JÚNIOR, S. de T. **Aspectos íntimos do Japão**. Limeira: EGEPSA, 1953.
- PIZA JÚNIOR, S. de T. Um programa para a eugenia. **Boletim de Eugenia**, v. 5, n. 42, p. 16-17, 1933b.
- ROITBERG, G. P. Educação eugênica no interior de São Paulo: a circulação das ideias de Renato Kehl nos jornais de Santa Bárbara d'Oeste (1933-1981). **Revista História da Educação**, v. 29, e140495, 2025.
- ROITBERG, G. P. Entre a divulgação científica e a eugenia tardia: rupturas e permanências na trajetória intelectual de Salvador de Toledo Piza Jr. (1898-1988). **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 30, e2023025, 2023.



SOUZA, V. S. de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil**: ciência, raça e nação no período entreguerras. Guarapuava: Unicentro, 2019.

SOUZA, V. S. de; WEGNER, R.; CARVALHO, L. D. de. A história da eugenia e sua duração: uma reflexão a partir do debate sobre controle da natalidade, racismo e biopolítica no Brasil. In: MOTA, A.; MACHIN, R. (org.). **Corpos, eugenia e biotecnologias em perspectiva sócio-histórica**. São Paulo: Hucitec, 2024. p. 194-201.

TUDO PELA grandeza do Piauí. **Letras da Província**, Limeira, v. 22, n. 177, p. 7, dez. 1970.

WEGNER, R. **Eugenia**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2025.